

Expugnatio Lysbonensi: Incursões, destruições e saques pré-1147/ Expugnatio Lysbonensi: Pre-1147 incursions, destruction, and looting

AUTOR: Prof. Doutor Carlos Guardado da Silva / *Author of the Essay*¹

Resumo

A partir de uma abordagem de natureza qualitativa, tendo por base o método de investigação documental (SILVA, 2021), o autor faz uma revisão não sistemática das fontes e bibliográfica acerca das incursões dos povos do Norte e dos reis ibéricos sobre Lisboa. Como resultados, destaca as conquistas da cidade por Afonso II, em 798, e Ordoño III, rei de Leão, em 953. Depois, as incursões levadas a cabo sobre a cidade, que se inserem na designada Idade Viking (790-1086), tendo Lisboa sido alvo de saque em 844, 858, 966, e 1109. Por fim, em datas mais próximas de 1147, Lisboa foi alvo de tentativas de conquista, em 1140 e 1142, integradas em contexto de cruzada com destino a Jerusalém. O autor conclui, na senda de Hélio Pires (2017) para a Península Ibérica, que o impacto da Idade Viking neste território foi diminuto, tendo-se reduzido às consequências de ataques piratas.

Palavras-Chave: Conquista, Incursões, Lisboa, Povos do Norte, Saques, Vikings.

Abstract

From an approach of qualitative nature, based on the method of documentary research (SILVA, 2021), the author makes a non-systematic review of sources and bibliography about the

¹ Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

Professor Auxiliar com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Académico correspondente da Academia Portuguesa da História, Investigador do Centro de Investigação Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão. carlosguardado@campus.ul.pt

Centre for Classical Studies, School of Arts and Humanities, University of Lisbon.

Doctor with "Agregação" in Information Science at the School of Arts and Humanities, University of Lisbon; Corresponding Academician at the Portuguese Academy of History; Researcher at the Research Centre Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão.

incursions of the Northern peoples and Iberian kings on Lisbon. As a result, he highlights the conquests of the city by Afonso II, in 798, and Ordoño III, king of León, in 953. Then, the incursions carried out on the city, which fall within the so-called Viking Age (790-1086), with Lisbon being the target of looting in 844, 858, 966, and 1109. Finally, in dates closer to 1147, Lisbon was the target of conquest attempts, in 1140 and 1142, integrated in the context of a crusade aimed at Jerusalem. The author concludes, in the wake of Hélio Pires (2017) for the Iberian Peninsula, that the impact of the Viking Age on this territory was minimal, having been reduced to the consequences of pirate attacks.

(2017) in the context of the Iberian Peninsula, that the impact of the Viking Age on this territory was minimal, mainly similar to pirate attacks.

Keywords: *Conquest, Incursions, Lisbon, Northern Peoples, Looting, Vikings.*

Introdução

Posto o cerco a Lisboa, em 1147, ouviram os presentes, e muito particularmente D. João Peculiar, segundo o Relato do cruzado Raul, as palavras de um ancião, que respondera ao prelado de Braga, quando, juntamente com o bispo do Porto, D. Pedro de Pitões, se deslocaram à cidade para estabelecerem conversações:

Quantas vezes é já da nossa memória que viestes com peregrinos e estranhos para nos expulsar daqui? Por certo a vossa migração assídua é prova de instabilidade inata de espírito, pois não é capaz de conter o espírito quem não é capaz de evitar a fuga do corpo².

As palavras do ancião aludem a diversas tentativas de conquista da cidade em tempos anteriores a 1147, algumas das quais certamente mais recentes ou suficientemente marcantes para constituírem memória coletiva e informação irrefutável, que a idade daquele poderia atestar. Também a qualidade dos sitiantes, *peregrinis et barbaris*³, integra-os nas cruzadas com destino a Jerusalém, atestando a sua qualidade de ‘estrangeiros’.

E, em outro passo da mesma narrativa, porém em momento anterior, no encontro do rei portugalense, D. Afonso Henriques, com os Cruzados, que teve lugar em 29 de junho, o autor do Relato é mais preciso, apontando inclusive a data. Encontrando-se os Cruzados em Conselho, refere o presbítero Raul:

Entre ele, Guilherme Vítulo, que ainda ansiava por arremetidas e matanças de pirataria, e Radulfo (ou Raul), seu irmão, com quase todos os homens de Northampton e de Hastings e aqueles que cinco anos antes tinham ali estado para porem cerco à cidade de Lisboa⁴.

1142 é a data indicada pel’*A Conquista de Lisboa aos Mouros*, remetendo, certamente para a última das tentativas de tomada da cidade do Tejo. Data distinta regista a *Chronica Gothorum* (= *Crónica dos Godos*), precisamente o ano de 1140, podendo esta não evocar a última, mas uma distinta tentativa:

Na era de 1178 [No ano de 1140]. (...) Inesperadamente, também naquele mesmo tempo, algumas naus vieram da Gália, repletas de homens armados que haviam prometido em voto ir a Jerusalém. E como tivessem chegado ao porto de Gaia e tivessem penetrado no Douro, o rei ouviu essa notícia⁵ e alegrou-se. Na verdade, estavam com eles cerca de setenta [homens], e acordou com eles que se dirigissem a Lisboa, eles por mar e ele com seu exército pela terra, e que a cercassem – talvez aprovesse ao Senhor entregá-la nas mãos deles.

² NASCIMENTO, Aires A. Nascimento, ed. trad. e notas; BRANCO, Maria João, introd. (2000) - *A Conquista de Lisboa aos Mouros: Relato de um Cruzado*. Lisboa: Vega. p. 97.

³ IDEM - *Ibidem*. p. 96.

⁴ IDEM - *Ibidem*. p. 85.

⁵ Rigorosamente: “estas coisas”, “isto”.

Tendo estabelecido o acordo, vieram de todos os lados para Lisboa – aqueles por mar, o rei por terra com o seu exército – e cercaram-na e atacaram-na, mas eles não podiam fazer nada contra ela, porque não havia chegado o tempo para ela ser entregue nas mãos dos cristãos, mas atacaram os subúrbios dela, e destruíram muitas vinhas, e queimaram casas e causaram grande dano na região. Então, vendo que nem tão depressa nem durante grande período de tempo a conseguiriam conquistar, mesmo se fosse dia e noite sitiada, porque estava bem abastecida e povoada, e tinha então bastantes defensores experientes, deixaram-na. O rei regressou com o seu exército para a sua terra, e aqueles marinheiros seguiram o seu caminho para onde pretendiam ir: Jerusalém^{6,7}

Crendo em ambas as narrativas, e correspondendo ambas a momentos distintos, teríamos tido, no período imediatamente antecedente a 1147, duas tentativas de conquista da cidade de Lisboa, uma em 1140, num contexto de cruzada com destino a Jerusalém, segundo a *Chronica Gothorum*, um texto produzido provavelmente no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, outra em 1142, segundo o Relato *De Expugnatio Lyxbonensi*, do cruzado Raul. Na impossibilidade de conquistarem a cidade em 1140 (ou 1142), regista a *Crónica dos Godos*, investiram sobre os subúrbios, *destruíram muitas vinhas, queimaram casas e causaram grandes danos na região*⁸.

A tentativa de conquista de 1142, aqui atestada pelo presbítero Raul, beneficiava do período de tréguas firmadas no ano anterior com Leão, bem como da “chegada à costa portuguesa de uma frota de cerca de 70 navios com destino à Terra Santa”⁹, de franceses, flamengos, ingleses (de Hastings, Southampton e Bristol), e os contingentes de Guilherme Vitalus e do seu irmão Radulfo¹⁰. Esta consistia numa iniciativa de carácter privado com o objetivo, sobretudo de lançar operações de pirataria da costa oeste e sul da Europa¹¹.

As incurões e saques de Lisboa pré-1147

⁶ «Era MCLXXVIII. (...) Eodem, quoque tempore venerunt quedam naves exinsperato de partibus Galliarum, plene armatis viris votum habentes ire in Jerusalem, cumque venissent ad Portum Gaye, et intrassent Dorium, audivit hec Rex, et gavisus est cum eis, erant enim fere septuaginta, et paccitus est cum eis ut irent ad Ullixbonam ipsi per mare, et ipse cum exercitu suo per terram, et obsiderent eam forsitan placeret Domino ut traderet eam in manibus eorum.

Conventione itaque facta, illi per mare, et Rex per terram cum exercitu suo venerunt undique ad Ullixbonam, et circumdederunt, et oppugnaverunt eam, sed non potuerunt adversus eam, quia nondum advenerat tempus ut traderetur in manibus Christianorum, sed irruperunt suburbana eius, et demoliti sunt multas vineas, et succenderunt domos, et fecerunt plagam magnam in terra. Videntes itaque quod non cito, nec per multum temporis spatium non posset capi, etiam si quotidie foret obsessa, quoniam erat multum referta, et populosa, et tunc satis abundabat omnibus bonis, reliquerunt eam. Rex cum exercitu suo regressus est in terram suam, et illi marini naute abierunt viam suam, quod tendebant ire in Jerusalem». *CHRONICA GOTHORUM* (1856). In: HERCULANO, Alexandre - *Portugaliae Monumenta Historica: Scriptores. Reprodução fac-similada executada em 1969*. Lisboa: Academia das Ciências. Vol. 1, fasc. I, p. 13-14.

⁷ Agradecemos a tradução ao Amigo André Simões, Professor do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

⁸ IDEM - *Ibidem*. p. 13-14.

⁹ MARTINS, Miguel (2017) - *1147: A conquista de Lisboa na rota da Segunda Cruzada*. Lisboa: A Esfera dos Livros. p. 95.

¹⁰ MATTOSO, José (2006) - *D. Afonso Henriques*. Lisboa: Círculo de Leitores. p. 20 e 31.

¹¹ BARROCA, Mário (2003) - «Da Reconquista a D. Dinis». In: BARATA, Manuel Themudo, TEIXEIRA, Nuno Severiano, dir. - *Nova história militar de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. 1, p. 37.

Todavia, as investidas sobre a Lisboa árabo-islâmica vindas do Norte, ou se quiserem, as incursões pré-1147, são bem anteriores, remontando ao final do século VIII: umas inserem-se na chamada Idade Viking, que podemos situar entre 790 e 1086; outras são de origem cristã, comandadas por rei ibéricos, nas quais se integram as ofensivas levadas a cabo pelo primeiro monarca português, designadamente em 1140, 1142 e 1147.

Recuemos, porém, ao início do século VIII, a 714, ano provável do tratado, que submeteu a população de Entre o Tejo e o Mondego ao domínio árabo-islâmico, por tratado idêntico ao de Múrcia (Tudmír), celebrado entre 'Abd al-'Azīz, sucessor de Mūsā ibn Nuṣayr, e Aidulfo, senhor pertencente à família real visigótica¹².

Desde então, o primeiro ataque, de que *Lušbūna* foi alvo, ocorreu em 798, com o avanço dos Asturianos e diversas expedições de cristãos para o Sul comandadas por Afonso II¹³, estendendo-se ao Vale do Tejo, com a tomada e saque da cidade. O acontecimento teria posto fim a um período de certa paz autonomia na região.

Depois de 809, sob o impulso de al-Ḥakam I (796-825), emir Omíada de Córdoba, a região de Lisboa passou a estar sob domínio árabo-muçulmano efetivo, com a presença de um governador [*amil*], principalmente após o primeiro ataque Viking a Lisboa, no ano de 844, iniciando-se um longo e profundo processo de arabização e islamização das principais cidades da região. A própria toponímia reflete a influência da civilização árabe, de que *Lušbūna* é um bom exemplo.

Os povos do Norte, comumente denominados por Vikings, que nada mais significa do que 'marinheiros', 'aventureiros', epíteto idêntico ao conquistado pelos portugueses, sobretudo nos séculos XV e XVI, chegaram a Lisboa em meados do século IX, atraídos, segundo as fontes medievais, pelo saque e pela aquisição de fama e fortuna¹⁴.

Como referimos, seguramente, o primeiro ataque viking a Lisboa data de 844, parecendo ser este também o ano da chegada dos povos do Norte à Península Ibérica, como sugerem as crónicas *Albeldense* e *de Afonso III*, acrescentando esta: *Nordomanorum gens antea nobis incognita*¹⁵.

¹² SANDOVAL, Prudencio de (1615)- *Historias de Idacio*. En Pamplona: por Nicolas de Assiayn. p. 85.

¹³ SILVA, Carlos Guardado (2008) – *Lisboa Medieval: a organização e a estruturação do espaço urbano*. Lisboa: Edições Colibri. p. 56.

¹⁴ IDEM – *Ibidem*. p. 52.

¹⁵ GIL FERNANDEZ, Juan, RUÍZ DE LA PEÑA, Juan Ignacio, José L. MORALEJO, eds. (1985) – *Cronicas asturianas*. Oviedo: Universidad de Oviedo. p. 142; PIRES, Hélio (2017) - Os Vikings em Portugal e na Galiza: as incursões nórdicas medievais no Ocidente Ibérico. 1.ª ed. Sintra: Zéfiro. p. 54.

Para os dados mais recentes sobre as incursões vikings em Portugal, veja-se PIRES, Hélio (2017). Nesta colhemos a informação que apresentamos, bem como seguimos a sua discussão.

Todavia, não sabemos ao certo, quer pela inconsistência das fontes, quer pelas informações contraditórias, se os nórdicos tomaram a cidade ou se assumiram o seu controlo. Segundo al-'Udrī (p. 98-100) e Ibn 'Idārī (II, ed. 86-87, trad. p. 141-142), os Vikings não saquearam a cidade, apesar de Ibn al-Qūṭiya (ed., p. 62, trad., p. 49) referir ter sido efetuado saque. A alusão de Ibn 'Idārī a nova passagem dos Vikings por Lisboa após a batalha de Sevilha parece atestar a informação de Ibn al-Qūṭiya. Todavia, as dúvidas permanecem. Pelo contrário, o autor magrebino informa-nos que a cidade se encontrava defendida por um 'āmil, Waḥb Allāh ben Ḥazm, que governava a região, sendo a cidade a capital de um distrito, depois da tomada da região por al-Ḥakam I, em 813-814¹⁶.

Os autores árabes do século XII são omissos ao ataque nórdico de 844. O *Muqtabis*, de Ibn Hayyan, citando uma passagem do texto de Ahmad ibn Muhammad al-Razi, refere que os nórdicos chegaram a Lisboa a 1 de *Dhu-al-Hijjah* do ano 29 da *Hijrah* (Hégira), isto é a 20 de agosto de 844, permanecendo 13 dias na região. Seria uma frota de 54 navios nórdicos e 54 *qaribs* (pequenas embarcações). Informação do *Muqtabis*, que seria repetida por Ibn Idhari, porém com um número alternativo para a frota de 80 navios, enquanto Ibn al-Qūṭiya refere que os vikings desembarcaram na costa a ocidente de Lisboa, ocupando a área em redor¹⁷. Um número de navios certamente exagerado, mas que nos permite inferir da dimensão considerável da mesma.

Em 858, Lisboa voltou a ser alvo de uma nova investida viking, conhecendo-se apenas um registo para a mesma na *Crónica Profética: Iterum venerunt postea era DCCCLXVI Iulio mense et fuit ille homicidius in Olisbona*¹⁸. Quanto à referência ao mês de julho, não é certo se alusivo às atividades na bacia do rio Tejo, se à pilhagem na costa galega¹⁹. O acontecimento de 858 foi também registado, ainda que vagamente, por Ibn al-Qūṭiya.

Já em meados do século X, lembremos a incursão a Lisboa no ano de 953 perpetrada por Ordoño III, rei de Leão. Teria sido um fossado contra a região, sendo possível que tenha atingido a cidade e destruído as suas muralhas, segundo Adeline Rucquoi. O saque da cidade e do território a norte do Tejo pelo monarca leonês é referido no *Chronicon de Sampiro*²⁰, assim como a

¹⁶ SILVA, Carlos Guardado – *Op. cit.* p. 88-89.

¹⁷ PIRES, Hélio – *Op. cit.* p. 62.

¹⁸ GIL FERNANDEZ, Juan, RUÍZ DE LA PEÑA, Juan Ignacio, José L. MORALEJO, eds. – *Op. cit.*, p. 188.

¹⁹ PIRES, Hélio – *Op. cit.* p. 70.

²⁰ *CHRONICON DE SAMPIRO* (1786). In: Florez. Enrique - *España Sagrada*. En Madrid: En la Oficina de Antonio Marin. tomo XIV, p. 469.

destruição de parte das suas muralhas. A destruição das muralhas teria obrigado à sua reedificação, sendo, porém, difícil fixá-la no tempo²¹.

Na década seguinte, precisamente em junho de 966 (355 da Hégira), segundo Ibn Idhari, os vikings saquearam a costa até chegarem à região de Lisboa, onde enfrentaram um exército muçulmano²². Uma vez mais, nada sabemos acerca de uma eventual entrada e saque da cidade. Lembremos que as fontes são escassas e fragmentadas.

Já no século XII, cerca de 1109, depois da designada Idade Viking, cujo término tem sido fixado no ano de 1086, que, de certa forma, representa o declínio da expansão e poderio militar nórdicos, com o fim da tentativa de conquistar Inglaterra, plano que não se concretizara, conhecemos uma nova investida viking sobre Lisboa. O poema *Útfarardrápa* (século XII), de Halldórr *skvaldri*, identifica *Lizibón*, e refere-se a uma vitória de Sigurðr junto da cidade, após ter desembarcado na costa. Todavia, como sublinhara Hélio Pires, “a estrofe que regista o episódio está incompleta, conhecendo-se apenas quatro dos oito versos originais”²³. No entanto, “localiza a batalha, junto da cidade fortificada chamada Lisboa”, sugerindo que Sigurðr não teria entrado na cidade. Deste modo, a pilhagem então levada a cabo pelos cruzados noruegueses teria afetado os bairros extramuros, em Alfama e a ocidente da cidade.

Por seu turno, o *Morkinskinna*, a mais antiga coletânea de sagas de reis baseada em contos e tradições orais²⁴, descreve Lisboa como uma cidade meio cristã e meio pagã, elemento que o cruzado Raul repetirá no seu Relato da *Conquista de Lisboa aos Mouros*, atestando a grande quantidade de cristãos que habitava a cidade²⁵, se não a maior parte²⁶, o que justificava a presença de um bispo em 1147. Nesta narrativa, Sigurðr “lançou-se num combate em torno da cidade, acabando por quebrar as muralhas com catapultas e entrando na povoação”²⁷. Depois, continua a narrativa, o rei, à cabeça do exército, travou uma sangrenta batalha, tendo terminado com a conversão ao cristianismo de alguns habitantes da cidade, seguindo os cruzados com o saque à cidade, levando consigo tudo quanto quiseram²⁸.

²¹ SILVA, Augusto Vieira da (1987) - *A Cêrca Moura de Lisboa: estudo histórico descritivo*. 3ª ed.. Lisboa: Câmara Municipal. p. 34 e ss.

²² COELHO, António Borges, ed. (1972) - *Portugal na Espanha árabe*. Lisboa: Seara Nova. Vol. 1, p. 123.

²³ PIRES, Hélio - *Op. cit.* p. 173.

²⁴ IDEM - *Ibidem*. p. 29.

²⁵ FERNANDES, Paulo Almeida (2007) - «Os moçárabes de Lisboa e a sua importância para a evolução das comunidades cristãs sob domínio islâmico». In: KRUIZ, Luís, OLIVEIRA, Luís Filipe, FONTES, João Luís - *Lisboa Medieval: os rostos da cidade*. Lisboa: Livros Horizonte. p. 75.

²⁶ Silva, Carlos Guardado - *Op. cit.* p. 80 e 103.

²⁷ IDEM - *Ibidem*. p. 173.

²⁸ Dados colhidos em PIRES, Hélio - *Op. cit.* p. 173-177.

O *Fagrskinna*, uma coletânea mais sucinta, escrita por volta de 1225, contém uma narrativa idêntica à do *Morkinskinna*, porém mais reduzida, descrita numa simples frase: “Sigurðr cercou Lisboa, teve uma batalha e seguiu viagem com muito saque”.

Dos três relatos acerca da investida sobre Lisboa cerca de 1109, o mais crível parece ser o mais antigo, registado na coletânea *Útfarardrápa*. Tratou-se não de uma conquista da cidade, mas uma “investida relâmpago”, integrada ou não num plano concertado entre Sigurðr e D. Henrique, que, todavia, não se concretizara. Esta hipótese foi já levantada por Hélio Pires, mas não dispomos de provas documentais. Investida que estaria na já referida memória do ancião, interlocutor de D. João Peculiar em Lisboa, quando das conversações com os habitantes depois de posto o cerco à cidade.

Conclusão

Assim, dentro do conjunto de fontes de informação latinas e nórdicas acerca de incurões, destruições e saques pré-1147, é possível atestar a atração que a cidade de Lisboa sob domínio árabo-islâmico exerceu, quer sobre os povos do Norte, quer sobre os reis ibéricos. Todavia, são, regra geral, informações dispersas, concisas e fragmentadas, quando não contraditórias.

Procurámos trazer aqui, à *Expugnatio Lysbonensi*, apenas os acontecimentos para os quais dispomos de dados seguros, ainda que, reconhecemos, tenhamos dedicado atenção desigual a cada um deles.

Relativamente às incurões de reis ibéricos, referimos os ataques à cidade de Lisboa ocorridos por duas vezes, em 798 e em 953. Quanto às investidas nórdicas sobre Lisboa, é possível atestá-las nos anos de 844, 858, 966, esta numa altura em que a violência e o número de investidas nórdicas recrudesceram, e cerca de 1109. Quatro momentos que parecem atestar para Lisboa, o que Hélio Pires conclui para a Península Ibérica, isto é, o impacto diminuto da Idade Viking neste território²⁹, reduzido às consequências de ataques piratas.

Terminamos como começámos, integrando a conquista de 1147 numa estratégia anterior, planificada e negociada no reino e internacionalmente, já tentada anteriormente, muito provavelmente em dois momentos próximo daquele ano: 1140 e 1142. E neste caso, já com a participação de cruzados, ainda que a iniciativa, de impulso particular, não tenha sido bem-sucedida.

²⁹ IDEM – *Ibidem*. p. 223.

REFERÊNCIAS / REFERENCES:

FONTES

CHRONICON DE SAMPIRO (1786). In: Florez. Enrique - *España Sagrada*. En Madrid: En la Oficina de Antonio Marin. tomo XIV.

CHRONICA GOTHORUM (1856). In: HERCULANO, Alexandre - *Portugaliae Monumenta Historica: Scriptores. Reprodução fac-similada executada em 1969*. Lisboa: Academia das Ciências. Vol. 1, fasc. I.

COELHO, António Borges, ed. (1972) – *Portugal na Espanha árabe*. Lisboa: Seara Nova. Vol. 1.

GIL FERNANDEZ, Juan, RUÍZ DE LA PEÑA, Juan Ignacio, José L. MORALEJO, eds. (1985) – *Cronicas asturianas*. Oviedo: Universidad de Oviedo, 1985.

NASCIMENTO, Aires A. Nascimento, ed. trad. e notas; BRANCO, Maria João, introd. (2000) - *A Conquista de Lisboa aos Mouros: Relato de um Cruzado*. Lisboa: Vega.

SANDOVAL, Prudencio de (1615) - *Historias de Idacio*. En Pamplona: por Nicolas de Assiayn.

ESTUDOS

BARROCA, Mário (2003) – “Da Reconquista a D. Dinis”. In: BARATA, Manuel Themudo ; TEIXEIRA, Nuno Severiano, dir. – *Nova história militar de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. 1, p. 21-61.

FERNANDES, Paulo Almeida (2007) – «Os moçárabes de Lisboa e a sua importância para a evolução das comunidades cristãs sob domínio islâmico». In: KRUZ, Luís, OLIVEIRA, Luís Filipe, FONTES, João Luís, coord. - *Lisboa Medieval: os rostos da cidade*. Lisboa: Livros Horizonte. p. 71-84.

MARTINS, Miguel (2017) – *1147: A conquista de Lisboa na rota da Segunda Cruzada*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

MATTOSO, José (2006) – *D. Afonso Henriques*. Lisboa: Círculo de Leitores.

PIRES, Hélio (2017) - *Os Vikings em Portugal e na Galiza: as incursões nórdicas medievais no Ocidente Ibérico*. 1ª ed. Sintra: Zéfiro.

SILVA, Augusto Vieira da (1987) - *A Cêrca Moura de Lisboa: estudo histórico descritivo*. 3ª ed.. Lisboa: Câmara Municipal.

SILVA, Carlos Guardado (2008) – *Lisboa Medieval: a organização e a estruturação do espaço urbano*. Lisboa: Edições Colibri.